



A REPETIÇÃO NA LINGUAGEM AFÁSICA COM FOCO NA PALILALIA

Mariza dos Anjos Lacerda¹³
(UESB)

Nirvana Ferraz Santos Sampaio¹⁴
(UESB)

RESUMO

Este trabalho objetiva-se ao estudo do fenômeno linguístico repetição sob à luz da linguística textual e da neurolinguística discursiva. Deste último, procura-se abordar as singularidades da palilalia, explicando a sua ocorrência na linguagem afásica ao passo que a relaciona aos encontros e (des) encontros calçados pelas bases teóricas estudadas.

PALAVRAS – CHAVE: Linguagem; Afasia; Repetição.

INTRODUÇÃO

As diversas características da linguagem têm sido alvo de muitas pesquisas e se tornado cada vez mais frequente seja no contexto normal ou no patológico. Embora existam muitos estudos voltados sobre os fenômenos linguísticos em torno da afasiologia, ainda são poucos os que se voltam para o estudo da repetição.

¹³ Aluna do curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Linguística oferecido pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-Uesb. E-mail: marizza.anjos@gmail.com

¹⁴ Coordenadora do projeto e orientadora da pesquisa. Professora Doutora em Linguística, lotada no Dell/Uesb, campus de Vitória da Conquista, cep.45083-900. Líder do Grupo de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (Gpen/CNPq/Uesb). nirvanafs@terra.com.br

13

14



Neste sentido, este artigo se propõe a realizar um breve estudo sobre a repetição com foco na palilalia, ancorado nos pressupostos teórico à luz da linguística textual e da neurolinguística discursiva, relacionando os (des) encontros que particulariza a repetição na oralidade.

São expostos, a seguir, os estudos a respeito da repetição na linguagem falada seguindo às duas frentes teóricas e que, posteriormente, serão suportes para as análises dos dados linguísticos apresentando aspectos da repetição.

A repetição é um fenômeno linguístico muito frequente nas atividades discursivas de qualquer indivíduo. A sua ocorrência se dá tanto na linguagem oral quanto na linguagem escrita, podendo alternar-se em maior ou menor incidência, respeitando as particularidades de cada uma dessas modalidades ao apresentar-se com características próprias, diferentes e definidas.

Segundo Marcuschi (2006, p. 219), “a repetição é uma estratégias de formulação textual” e justifica à sua afirmação pela flexibilidade de funções que a repetição assume. Na fala, esse feito linguístico é uma atividade fundamental para estabelecer relação com os aspectos linguísticos do texto, exemplificando, podemos citar a coesão e a coerência, que apresentam características de um planejamento *on-line*, ou seja, a construção do texto se dá pelo decorrer da fala de maneira interativa. Na escrita, apreço de forma retórica, evitando redundância durante a construção textual, diminuindo, assim, a repetição.

No campo da afasiologia, a repetição é uma alteração linguística muito presente. Entretanto, são poucos os estudos voltados para a repetição no contexto patológico ainda que a repetição se faça presente em alguns pacientes diagnosticado com afasia¹⁵. A sua presença está relacionada às estereotípias, repetições transitórias ou permanentes e de forma automáticas e inconsciente de gestos, palavras e movimentos.

¹⁵Alterações linguísticas de caráter articulatórias e discursivas provenientes de uma lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem proveniente de um acidente vascular cerebral – AVC. (Coudry, 2008, p.5)

Na linguagem afásica, as repetições provêm de naturezas diferentes e com características neurolinguísticas que se associam às dificuldades de selecionar palavras, aos problemas de processamento e de ordem mnésica¹⁶ ou fonoarticulatória. São vários os fenômenos linguísticos que se constitui de elementos repetidos, a perseveração¹⁷, a estereotipia¹⁸, o circunlóquio¹⁹, a ecolalia²⁰ e a palilalia²¹ são alguns exemplos que marcam essa alteração linguística.

Os estudos incluindo a repetição na linguagem, em especial, a palilalia, datam desde o início do século XIX.

Em seu artigo “On palilalia”, Critchley²² (1927) diz “ among the more unusual disorders of speech the phenomenon of palilalia occupies, in spite of its great interest, an underservedly meagre place in the neurological of this country²³”. O autor critica a pouca atenção voltada para estudos referentes à palilalia no início do século XIX, embora tivesse interesse nas alterações linguísticas já evidenciadas. No mesmo artigo, ele aborda sete estudos de caso dos quais todos apresentam a palilalia como uma alteração linguística, diferenciando-a ao tipo de marcação apresentada, podendo uma ser mais marcada, outra nem tanto. Algumas são mais marcadas em monossílabos e frases curtas. Em suas observações, a palilalia sofre alternância em maior ou em menor ocorrência.

¹⁶ Prática que facilita as operações da memória.

¹⁷ Neisser (1895) apud Tagliaferre (2008) define perseveração como repetição interativa ou a continuação de uma resposta anterior após a mudança de turno.

¹⁸ Lebrum (1983) apud Tagliaferre (2008) define estereotipia como uma fixação de uma fórmula invariável de atitudes, gestos, atos ou expressões verbais prolongadas e repetidas incessantemente.

¹⁹ O circunlóquio é o uso excessivo de uma palavra para exprimir uma ideia.

²⁰ Saad e Godfeld (2009) consideram como repetição de itens lexicais de turno anterior.

²¹ Critchley (1927) se refere a palilalia como repetições de itens lexicais de turno anterior proferidos pelo próprio orador.

²² Macdonald Critchley (1900-1997) foi um famoso neurologista britânico e membro-presidente da Associação Britânica de neurologistas e da Federação Mundial de Neurologia (Association of British Neurologists and the World Federation of Neurology) poucos neurologistas atuais se igualam a ele em competências linguísticas e intelectuais. Suas contribuições não foram superficiais. Responsável por lançar nova luz sobre muitos campos da neurologia, incluindo a função do lobo parietal, dislexia, e a linguagem do gesto, assim como muitos aspectos estabelecidos, tais como enxaqueca pela qual padeceu.

²³ Entre os distúrbios mais incomuns da fala o fenômeno palilalia ocupa, apesar de seu grande interesse, um lugar imerecidamente escasso na literatura deste país. (tradução nossa).



Palilalia (do grego *πάλιν* (*pálin*) significa “novamente” e *λαλιά* (*laliá*) significa “fala”), ou seja, que fala outra vez ou fala novamente. Esse termo foi tomado pela primeira vez em 1908 por Souques²⁴ e, referenciado anteriormente por Brissaud²⁵ como auto-ecolalia, por apresentar-se de mesma natureza. Mesmo no início do século e com tão pouca tecnologia Critchley afirmava que essa alteração linguística pode decorrer de duas maneiras, a saber: Parkson e doença vascular cerebral e, a define como

involuntary repetition two or more times a word, phrase or sentence just uttered. It occurs equally during spontaneous speech and in replay to question [...] Palilalia may be constant in appearance, but frequently it varies in intensity from time to time.

Depreendemos que a palilalia é uma repetição das últimas palavras, frases ou sentenças proferidas pelo próprio indivíduo e que a sua ocorrência se dá na fala espontânea e nas retomadas de perguntas. Além disso, oscila na intensidade a cada nova repetição, apresentando de maneira decrescente. Segundo Lebrum (1983), quando as últimas palavras proferidas são quase murmuradas, esse fenômeno pode ser chamado de palilalia áfona uma vez que os sons vão deixando de ser ouvidos pelo interlocutor.

Quando se fala do *replay question*, mencionada por Critchley, é notório a semelhança da repetição nos estudos apresentados por Marcuschi uma vez que a repetição exerce o papel de conduzir a argumentação, principalmente em estruturas oracionais estabelecendo uma ligação de contraste, reafirmação e contestação de argumentos.

Na perspectiva abordada a respeito da repetição apresentada por Marcuschi (2006) e Critchley (1927) dará-se-a a discussão relacionando teoria e prática a partir de uma análise linguística com dados de fala de um sujeito afásico que apresenta a repetição como uma singularidade em sua fala.

²⁴ Souques, Alexandre Achille, Frech neurologista, 1860-1944.

²⁵ Nascido na França Édouard Brissaud (1852 – 1909) foi conhecido como neurologista dos neurologistas, apesar de anteriormente ter sido neuropatologista. Frequentou a escola de Jean Martin Charcot e de Charles Lasègue.



MÉTODOS

O estudo aplicado neste trabalho articula a investigação e intervenção de caráter linguística desenvolvidos nos encontros que acontecem semanalmente, alternando atividades em grupo e individual, no LAPEN²⁶, sendo, portanto, desenvolvido um acompanhamento longitudinal. O material empírico da pesquisa é construído a partir dos registros apresentados nas diversas atividades por meio de gravações em áudio e registro de escrita, constituindo para o acervo do banco de dados.

A análise do material linguístico é realizada por meio das transcrições dos diálogos e dos registros escritos, relacionando teoria e dado linguístico, facilitando a descrição e explicação das alterações linguísticas apresentadas nas atividades discursiva.

Todas as atividades desenvolvidas em grupo ou individuais são pautadas na teoria da Neurolinguística Discursiva priorizando o sujeito em uma atividade epilinguística indispensável á construção e reconstrução da linguagem, permitindo que o sujeito afásico explore a linguagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Osakabe (*apud* Coudry, 2008, p.195), “o individuo é sujeito na medida em que se enuncia” A partir desse pressuposto, percebemos o quanto é importante para o sujeito afásico explorar a linguagem e, esta acontece em situações imediativas, estabelecendo reciprocidade entre os interlocutores, partilhando conhecimentos, interagindo com as diversas falas no momento em que se fala. Essas condições discursivas são de fundamental importância para que a constituição do indivíduo como sujeito aconteça através da linguagem.

²⁶ Laboratório de Pesquisa e Estudos Neurolinguísticos vinculado a UESB.

Por isso

as atividades desenvolvidas precisam estabelecer a epilinguagem uma vez que esta se vincula ao sujeito e todas as suas relações com a própria linguagem, com o outro e com a relação em que opera. Está dentro da linguagem e ligada diretamente ao uso efetivo da linguagem, nessa relação de “interioridade-exterioridade” que constitui a linguagem. (COUDRY, 2008, p. 16).

Dito de outra forma, as atividades desenvolvidas precisam ser contextualizadas, levando em conta as particularidades de cada sujeito no intuito de promover uma interação harmoniosa, saudável, e, principalmente, interessante, motivando-o a interagir cada vez mais.

Quadro 1: Situação comunicativa desenvolvida em 29/04/ 2015.

Sigla do locutor	Transcrição	Elementos prosódicos da fala	Alternância de Produção
Ins	Você está fazendo caixa de presente?	Tom interrogativo	
MM	Faço. Faço. Faço.		Som decrescente
Ins	Faz? Desde quando você faz?	Tom interrogativo	
MM	Desde pouco tempo. Pouco tempo.		Som decrescente
Ins	Pouco tempo? Quanto pouco tempo?	Tom interrogativo	
MM	Um mês e pouco. Um mês e pouco		Som decrescente
Ins	Um mês e pouco?	Tom interrogativo	
MM	Um mês e pouco.		

A partir da análise dessa situação interativa, onde percebemos uma conversa informal, pode-se verificar que afásico e não afásico se interagem tranquilamente, fazendo-se compreender e ser compreendido. Observamos ainda que a repetição está representada nas falas dos interlocutores, ou seja, tanto em sujeito afásico e não afásico. Algumas vezes, aparece como retomada oracional para construir um questionamento condição esta muito comum na linguagem falada defendida por Marcuschi.



Entretanto, as repetições registradas nas falas de MM, mostram alternância na sua ocorrência, fazendo uso de retomadas da fala anterior ou não. Os dados linguísticos apresentados na transcrição também apontam que a repetição em MM decorre da sua própria fala e no mesmo turno e com efeito de sons decrescente. Por meio dessa análise, podemos afirmar que a repetição apresentada na linguagem oral do sujeito afásico MM é conceituada como palilalia áfona uma vez que evidencia pequenas frases repetidas em caráter decrescente dos sons, saindo os últimos sons quase que murmurados. Porém, embora a repetição ocorra na linguagem afásica transcrita, percebemos a instabilidade do fenômeno linguístico em questão abordada por Critchley e Lebrum.

Se compararmos com a repetição abordada pela linguística textual, a análise acima não aponta a repetição da fala de MM como uma estratégia de reformulação textual característico da oralidade que tem uma identidade intencional, mas como um hipossintagma ou uma repetição lexical/sintagmática em que a ocorrência se dá de forma monolexical ou monossintagmática no contexto intra oracional.

CONCLUSÕES

Ao fim da pesquisa, os estudos mostraram que a repetição embora apresente especificidades sob o ponto de vista da linguística textual e na linguagem afásica, em alguns momentos elas se interagem. Isso ocorre porque a característica principal da repetição é a sua ocorrência na oralidade. Entretanto, as diferenças também são notórias, elas podem ser intencionais em uma e não em outra.

No contexto da palilalia, as repetições são automáticas e involuntárias, o sujeito apesar de ter consciência que repete, não consegue controlá-la a todo o instante e seu grau de diferenciação em relação às outras repetições está na sua forma de produção em não serem idênticas, pois os sons são configurados de modo decrescente.

A noção de intervenção deve sempre focar a intenção comunicativa estabelecendo sempre uma interação, pois não será uma resposta correta ou não que



determinará o sucesso ou fracasso na comunicação interventiva, mas sim, a interação estabelecida entre os interlocutores, garantindo a ambos realizar trocas discursivas significativas.

REFERÊNCIAS

- COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso**: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988/2001.
- CRITCHLEY, M.. **Journal of Neurology and Psychopathology**. London. 1927
- MARCUSCHI, L. A. Repetição. In: JUBRAN, Célia Cândida A. Spinardi; KOCK, Ingedore G. Villaça (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, v.1. p. 219- 254.
- _____. **Repetição na língua falada**: formas e funções. Tese. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1992.
- MORATO, E. M. **A semiologia das afasias: perspectivas Linguísticas**. São Paulo: Cortez, 2010.
- TAGLIAFERRE, R. de C.S. **Formas e funções da repetição no contexto das afasias**. Dissertação (Mestrado)_ Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.